

## VOLUME 8

### Viagem de Petrópolis a Juiz de Fora

22/06 a 27/06/1861

#### INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

##### **Petrópolis, 22 de junho de 1861**

Examinei as observações meteorológicas feitas depois de minha retirada daqui e vejo que o maior calor foi de 74,5 Far. e o menor 50, tendo chovido em 11 a 12 dias de sol a sol.

Vou ler o relatório a respeito dos trabalhos de estrada.

6 – Corri toda a cidade de Petrópolis a pé. Visitei o hospital que estava bem sujo, vi se o cemitério se achava fechado como recomendara em princípios deste ano ao engenheiro e estive no jardim de Binot.

Observações meteorológicas de hoje. 1 hora da tarde. Cent. 15,5; Fahr. 58,5; Barom. 698,70; Higrom. 68.

5 horas – id.

9 e 10 – Acabei de ler o relatório e vou examinar o mapa da estrada. Ainda hei de maçar-me com a discussão do Senado e depois tratarei de descansar até amanhã às 4 da madrugada.

##### **23 de junho de 1861**

Estação de Juiz de Fora 6 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> da noite.

É deste aprazível sítio, que a arte converteu num brinco igual a qualquer lugar de banhos da Alemanha, sob o céu recamado de estrelas que perfilam com as inumeráveis luzes, que cintilam nos jardins e elegantes edifícios; ao som de uma harmoniosa banda de música de colonos tiroleses, que eu principio a narrar a minha viagem enquanto a lua não sai e eu também, para percorrer estes jardins à inglesa, e subir ao alto de um outeiro, onde o Lages acaba a construção da mais *coquette* habitação.

Eu estou noutra casa, que também lhe pertence e se acha no meio dos jardins e junto ao outeiro. Esta casa foi arranjada com apurado gosto e nada lhe falta.

Acordei às 4; ouvi missa às 4 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> e às 5 meti-me na caleça com o relatório da estrada, mapas, jornais que ainda não tinha lido e até o arcebispo, para com o seu exemplo convidar a admiração das belezas naturais que ele felizmente podia, com todo o sossego, apreciar, montado no seu burrico, quando eu devia correr, a fim de chegar aqui de dia; tinha de andar 24 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> léguas de 6 km de Petrópolis até cá.

Parou o carro para todos os outros se porem em ordem e seguiu a caravana às 5 e 12.

Parou às 6 no lugar dos Correias, onde eu passei alguns meses de minha meninice, reconhecendo logo a ponte em que ia pescar minha piabazinha <sup>001</sup>.

Às 6 e 35 estavam já percorridos 24 km, graças à excelente estrada.

Com mais uma légua chegou a Pedro do Rio, às 7 e 10, tendo-se atravessado sobre o Piabanha as pontes do Retiro e da Olaria, com 15m e 40 de vão, e sobre o Bonsucesso confluyente daquele e desse nome de 15m de vão.

Em Pedro do Rio comecei a gastar banalidades – porque em viagem dizem que sou amável– e tendo aquecido o estômago com a saborosa infusão do celeste império continuou a viagem.

Às 7 e 20 era preciso andar com o sol. Às 8 parou na estação da Posse, (em todos os lugares de parada houve muda) atravessando antes a estrada por uma garganta, em que enormes montanhas de granito revelam as medonhas convulsões de nosso planeta pigmeu.

Quanto senti não me lembrar de *faire ma petite leçon de géologie*, acudindo-me apenas à memória o que repetiu o nosso arcebispo de Braga ao admirar montanhas talvez anãs ao pé destas: *montes in circuit ejus, et Dominus in circuitu populi sui*; sublime trecho de salmista, que apenas posso verter em humilde português: os montes em torno dele e o Senhor em torno do seu povo. Que energia não deve ter o hebraico!

Chamam-me para passear, pois a lua já surgiu.

9 horas – Chego do passeio ao luar, que foi demasiadamente acompanhado. Vi do alto do outeiro, de que já falei, lançar 3 balões atacar fogos de bengala que foram um verdadeiro insulto à lua e depois rodeei um lago onde inumeráveis luzes o espelhavam e havia uma barquinha.

Estive no largo, ouvindo tocar a música que me apresso a dizer, com mais consciência do que a generalidade dos viajantes, que não é de tirolezes, mas de colonos, todos moços, aqui ensinados por um brasileiro, e que trazem chapéu tirolês.

A casa de alto do outeiro envolvia-se então na neblina e agora apenas suas luzes formam um clarão no meio da densa névoa. A música aí me passou por parte da casa; tudo já se vai tornando silencioso e eu reato o fio da minha história.

Saiu a caravana da Posse às 8 e 12 e passava a ponte de mesmo nome sobre o Piabanha e de 34 metros de vão (todos são de ferro à exceção das que mencionar) às 8 e 20. Parou na estação da Julioca, que é elegantemente construída, posto que pequena, chamando-se assim o sítio por aí ser a fazenda do finado Julio Köhler [*sic*] (Júlio – oca – = casa em língua tupi).

Às 9 menos 18, tendo chegado depois à ponte de Sta. Ana de 45m de vão às 9 e 5 e à estação de Luís Gomes às 9 e 19 (62 km).

Partiu daí às 9  $\frac{1}{2}$ , chegando à ponte de Carlos Gomes de 72 ms de vão (ambas estas pontes sobre o Piabanha) às 10 menos 12, e à ponte de Entrerios, que atravessou-se a pé, para melhor vê-la, às 10 e 7. É uma bela obra, ligando as duas margens do Paraíba, com 70 braças de extensão.

Os carros atravessando-a todos juntos e sem diminuírem muito sua rapidez, nem a fizeram oscilar sobre seus pegões de bom granito lavrado. A estrada vem descendo desde o alto da Vila Teresa em Petrópolis (883m acima do nível do mar até o Paraíba (305m sobre o mesmo nível), diferindo assim em altura para menos, na extensão de 71 km 552m, de 581m.

Chegou à estação de Entrerios às 11 menos 23.

Achavam-se aí à minha espera, entre outros, a Câmara da Paraíba e, depois do almoço, continuou a viagem às 11 e 20.

Daí a pouco atravessou-se um túnel em granito de 6 braças talvez, de comprido, e ao meio-dia encontrou-se o Paraibuna na fazenda da Cachoeira. Parou no lugar da Serraria, de onde seguiu pouco depois e à 1 e 6 levantou-se a imensa mole de granito chamada pedra do Paraibuna, chegando daí a pouco à estação deste nome, que também é construída com bastante gosto como todas da Posse para cá. A estrada não está tão perfeita do Paraíba até Juiz de Fora, faltando quase as banquetas nalguns lugares, sendo as valetas malfeitas, e o lastro da estrada pouco assento, formando-se por isso alguma poeira.

O Paraibuna apresenta algumas cachoeiras bonitas, margens aprazíveis e umas pedras escavadas pelo rio que apresentam aspecto muito curioso.

A cultura geral é café e alguns morros estão bem plantados.

A ponte do Paraibuna é logo adiante da estação e atravessada ela, continuou a viagem então na província de Minas, à 1 e 36.

No fim da ponte parou para se ler, escrita numa pedra de mármore, a resposta que dei ao discurso do Lages, por ocasião do começo dos trabalhos desta estrada em Petrópolis no dia 12 de abril de 1856.

Chegou à povoação de Simão Pereira colocada em lugar muito bonito às 2 e 6 e havendo aí arco com meninas e bastantes pessoas, parou, seguindo caminho às 2  $\frac{1}{2}$ .

Viu-se de novo o Paraibuna, às 3 menos 11, perdendo-se outra vez de vista em Matias Barbosa, antigo registro, com poucas casas, às 3 e 11.

Parou na estação deste nome, continuando a caminhar às 3 e 20.

O Paraibuna reapareceu 2<sup>a</sup>. vez, às 4 menos 13.

Atravessou-se a ponte do Zamba (que é de madeira) sobre o Paraibuna às 4 e 27.

Passou-se a ponte de pau chamada Americana, por ser construída, segundo o sistema americano, às 4 e 35, tendo aí havido antes parada.

Às 5 e 2 passou por defronte da cidade de Juiz de Fora, perto do qual há um brejo não pequeno às 5 e 2 chegando a esta estação às 5 e 12.

O povo tem acudido todo à estrada, e parece que há alegria em todos.

São 10  $\frac{3}{4}$ , apenas ladra algum cachorro e eu tenho de acordar amanhã antes das 5 para ver o cometa e até a hora do almoço fazer muitas coisas.

Gostei de falar com o Barão de Prados (Dr. Camilo Armonde) com quem não é preciso esgravatar banalidades e já o emprezei para me comunicar suas observações relativas à praga do café.

Tive já ocasião de louvar o Halfeld pela sua exploração do Rio S. Francisco que até Piranhas pude verificar, enfim não perdi um minuto que assim mesmo não sobra horrivelmente até 6ª fa.

Faz bastante frio.

### **24 de junho de 1861**

Acordei às 5 ¼.

Densa neblina tudo cobria e só perto de 6 saí de casa com as pequenas.

Meti-me eu só no bote, que se ia virando e, como não achava jeito para remar, fiz as pequenas puxar o bote por uma corrente andando assim à sirga enquanto vieram alguém e mais senhoras, saltei então na margem do lago e passeamos até perto das 8, vendo o que era possível dos diferentes edifícios, que cercam esta casa, sem contudo entrar neles, à exceção do moinho bem arranjado de fubá movido por água, que há em abundância.

Aproveitei o tempo em casa até 9 que almocei, e o mesmo fiz depois partindo para a cidade. Parei perto do portão da saída do jardim para que um daguerreotipista tirasse a vista, que me consta não ter ficado bom e chegando defronte da casa da Câmara da cidade, o presidente fez parar a minha caleça.

Entrei nessa casa e não sei por que esperei que aparecesse o pátio sob o qual andei ainda bom trecho de caminho até a matriz sobre uma elevação.

Ao chegar à porta da igreja um cônego soltou um viva à minha católica majestade e fui aspergido pelo vigário, que já me tinha dado o crucifixo a beijar na porta da casa da Câmara.

O vigário é preto como carvão, mas informam-me muito favoravelmente de sua inteligência e qualidades morais, parecendo abastado, pois que possui uma boa casa de sobrado onde mora.

A igreja é feia por fora e por dentro e, durante o *Te Deum*, que não honrou a melomania mineira, estive numa tribuna, que antes chamaria catacumba. O sermão foi pregado pelo cônego Roussin, que aborreceu deveras, não deixando de aludir decentemente à sua dissensão com o bispo.

Antes do *Te Deum* ouvi a missa conventual e finalizadas as cerimônias religiosas fui para a casa do Vale, de 9 janelas de frente e verdadeiro palacete, pela grandeza e luxo interno. Recebi as deputações e dei cortejo, findo o qual, visitei a Câmara Municipal, e cadeia estabelecida no lugar da ex-cozinha da casa da Câmara.

Pedi informações ao presidente da Câmara, que ouvi não gozar de muito conceito, sendo rábula e hábil cabalista e examinei a planta para arruação da cidade cuidando-se de outras para edificação.

A cidade consta principalmente de uma rua, de talvez mil braças com bastante casas de sobrado e algumas mais que ordinárias, chamada direita parecendo sê-lo e outra bem alinhada que a atravessa na maior parte sem casas e outra denominada Califórnia e agora Halfeld, que tem dado diversos terrenos para uso público, pertencendo-lhe o brejo, de que falei.

O cunhado do Halfeld, Antônio Maria Tostes, é um dos principais proprietários da cidade.

A cadeia é má e um preso queixou-se de que há bastante tempo se alimenta do que os outros lhe dão de sua comida, que é fornecida em gênero. Não há visita desde Março e o delegado chama-se Barbosa Lage.

Da cadeia fui à Igreja do Sr. dos Passos, que, assim como um chafariz na praça e uma casa ao pé para futuro hospital, são obras do Barão de Bertioga, que é um ancião, cuja fisionomia logo agrada. Esta igreja é muito mais bonita que a matriz; o chafariz é pequeno, sendo de água corrente encanada da vizinhança em tijolos e finalmente canos de chumbo. A água é excelente, não sendo boa a que bebi durante a viagem depois de passado o Paraibuna. A casa destinada para o hospital é bem alumada e poderá admitir talvez 30 leitos. O Barão também doou algumas casas térreas para patrimônio do hospital e um terreno para cemitério da Irmandade da Misericórdia, que tomará conta de tudo quanto estiver formada.

Corri a parte principal da cidade, indo pela rua Halfeld até descobrir o terreno doado por este à Câmara para matadouro; mostraram-me o outeiro, em que se estabelecerá o cemitério público e vim jantar.

As duas ruas principais são largas e só vi calçamento, e malfeito, nos passeios.

Às 5 visitei as aulas públicas, uma de meninos e outra de meninas, cujos professores são péssimos e o Colégio Roussin, onde há estudantes bem sofríveis, elevando-se o número deles a 80 e tantos – no cortejo contei 74 todos com lenço escarlate no pescoço – forte gosto! – A casa não permite talvez melhor arranjo, notando a grande proximidade das câmaras. Tem 6 professores, ensinando dois deles duas matérias cada um, das mais importantes.

O cônego diretor professa filosofia e também às vezes retórica.

Tornando a casa, saí de novo para ver com as pequenas o arco iluminado a expensas pelo barão de Bertioga perto da casa dele e depois de um fogo de artifício, oferecido pela Guarda Nacional daqui, retirei-me para esta casa onde cheguei depois das 10.

O juiz de direito da comarca Nunes Lima, magistrado muito digno, pelo que tenho ouvido, deu-me informações satisfatórias do foro, queixando-se apenas do juiz municipal do Rio Preto, Ângelo da Mata Andrade. O comandante superior, Paula Lima, disse-me que havia 3 mil guardas alistados no seu comando mas nenhum armado, dos quais 400 fardados, além do esquadrão de cavalaria de Barbacena, que foi todo preparado por seu comandante Lino Armonde.

Espero informações do presidente da Câmara e do chefe da Polícia interino Quintiliano.

São 11  $\frac{1}{2}$ . Vou descansar.

Não há neblina; talvez se observe amanhã cometa, e além disto quem acorda às 5 tem dia maior que o dos outros.

Já perguntei se algum curioso fizera observações meteorológicas, mas a curiosidade não chega a tanto e já me prometeram um termômetro para ver a quantos graus se me gelam agora as mãos.

Ainda estou de farda por causa do frio e antes de ir dormir ainda referirei dois casos dignos de figurarem entre as bernardices <sup>002</sup>.

A deputação da Câmara Municipal no seu discurso em que procurou pairar nas mais remontadas regiões da filosofia tratando das vantagens da comunicação entre os homens apontou o atrito de homem contra homem para destruir-lhes as excrescências! Talvez se suprima este trecho no discurso impresso admirando-me bastante que o recitasse o Barão de Prados. A outra bernardice, que me contaram é da mulher do juiz de direito, cuja comarca compreende a vila do Pomba. Gabando a excelência do clima disse que onde engordara mais fora na pomba.

### **25 de junho de 1861**

Acordei às 5 menos  $\frac{1}{4}$ .

Cerração completa.

Li e quando ia clareando fui até o fundo do jardim por detrás do outeiro. O Paraibuna o limita por esse lado e o lago tem registro para o rio. Há no jardim uma fonte, cujas águas parecem sair dentre pedras, mas que vem para aí encanada por cima do outeiro, em cuja base se acha a fonte.

Vi uma grande coleção de parasitas destas matas até Petrópolis e diversos granitos numerados, tendo um sobre papel estas palavras – Vargem dos porcos –; soube depois que eram de diversos lugares da estrada, parecendo bastante ferruginosos; hei de ver melhor amanhã, se o frio me permitir parar no jardim de madrugada.

Enquanto não chegava a hora da partida para a colônia, que, por causa da neblina, só teve lugar às 8 e 35, subi com as pequenas o outeiro e aí conversei com o Halfeld a respeito de sua coleção geológica, dizendo-me ele que só para o lado do rio Grande é que começará a haver terrenos de transição e aluvião; contudo a assembléia provincial de Minas prometeu a prêmio de 20 contos a quem descobrisse carvão de pedra nesta província; podiam prometer o Potosi!

Falei-lhe no brejo, que lhe pertence, procurando sempre que minhas conversas tenham utilidade para esta localidade e província. Disse-me que há grandes enchentes do Paraibuna e pediu-me para ver mapas, que ele mandou para a secretaria do Império, dos rios confluentes do S. Francisco e especial parte deste rio, onde se despenha a cachoeira de Paulo Afonso.

O barão de Prados trouxe-me 3 vidros com folhas de café atacadas de praga e amanhã examinarei com ele esta questão.

Depois, parti a cavalo para a colônia.

Perto desta estação acham-se as casas dos colonos que trabalham nas oficinas da companhia. Os caminhos coloniais de 1<sup>a</sup> 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> são tão bons, que talvez bastassem quanto muito os de 2<sup>a</sup>.

Os prazos em geral de 20.000 braças<sup>2</sup> por colono independente, foram vendidos a 25 réis a braça.

A cultura é na maior parte de horta, havendo contudo milharais, feijonais, e algum fumo, que prospera, podendo este gênero e talvez também a vinha assegurar um futuro brilhante à colônia.

As casas são ainda muito modestas, o que depõe a favor dos colonos. Há muitas derrubadas e os tirolezes apenas se estabeleceram em maio e junho do ano passado.

Entre no terreno de um colono, que cria abelhas e ele disse-me que se julgava muito feliz, agradando-me o aspecto em geral dos colonos.

Amanhã verei as escolas que estão aqui perto e o hospital assim como a igreja, que devem existir.

Há um colono que tem um carrinho a cavalo e quase todos galinhas e a maior parte porcos.

O aspecto do que vi satisfez-me, porém desejava encontrar mais cultura, podendo talvez plantar-se café, posto que digam ser a terra fria. Sua cor denegria em muitos lugares; creio que prova sua bondade e talvez pudesse a agricultura prosperar.

As terras dos colonos começam nos vales, alguns dos quais muitos pitorescos e todos têm água, sendo a que bebi excelente.

Almocei numa linda floresta, onde abundam os palmitos e durante a comida e em outras ocasiões tocou a música alemã, achando-se os tirolezes uniformizados de blusa e com seus chapéus à Garibaldi e espingardas, sob o comando de outros dois em trajes verdadeiros tirolezes armados de sabre e um deles de calção e meia. Disseram-se de modo a crê-lo que um tinha no cinturão uma chapa onde se dizia que queriam prata e não dinheiro de papel. Deram tiros e vi um alvo furado e com a legenda liberdade. O reboiço de gente entre os palmitos era sobremodo agradável à vista.

Estive no cimo da montanha, para que olha esta casa e que se chama Alto do Imperador. Pode-se estudar daí parte da orografia <sup>003</sup> das duas províncias do Rio de Janeiro e Minas e o engenheiro da parte da estrada aquém do Paraíba, Keller [sic] <sup>004</sup> tinha traçado num círculo de papel, colocado nesse cimo, a direção das principais povoações das duas províncias, segundo seu rumo.

A folha que tirei deste livrinho mostra o que o tempo permitiu que eu riscasse nesse lugar, um dos mais grandiosos que tenho contemplado. Passaria aí toda a tarde até me restar o último raio de crepúsculo, já noite embaixo da montanha, se eu não andasse acompanhado.

Colhi um ramo, que coroava essa eminência. Olhei com o óculo que levava, também para o sol e apenas vi, assim como o Halfeld <sup>005</sup> e o Paula Cândido <sup>006</sup>, 2 manchas, sem diferenças das ordinárias e hoje era o dia de lhe agarrarmos a cauda.

Pelo tempo da descida do cimo da montanha até o princípio da subida da parte mais elevada, calculo que se anda a passo numa hora e, sendo a inclinação média de 1 para 10 terá esse caminho 0,1 de légua de 3.000 braças, tal qual avalei a olho, temos 30 braças de altura, que somadas à calculada desde o 2º ponto de contagem, na base da parte mais elevada da montanha, segundo o tempo gasto de 40 minutos até esta casa e inclinação estimada de 1 para 32 dão 67 braças para a elevação da montanha sobre o terreno desta casa ou da cidade do Paraibuna.

O Lages <sup>007</sup> mostrou-me o lugar reservado para futura escola agrícola, assim como o Paula Cândido indica o alto do Imperador para edificação de uma casa de saúde! Os cimos dos morros não se destruirão.

Ceguei aqui às 5 e 5, e depois de descansar, tenho estado a falar com diversas pessoas, de sala e de porta, por não conhecer quem eram. Os pobres parecem-me aqui muito mais acomodados que os das províncias do Norte, ainda que não tenham o mesmo caráter expansivo.

Esta manhã queixou-se-me um pobre quase cego de que tem uma demanda de terras no supremo tribunal de justiça há 11 anos!

Vieram tirolezes cantar, que julgo serem os mesmos que já ouvi em Petrópolis e depois os colonos que passaram com archotes e deram vivas.

O padre Weber está aí, tendo vindo para administrar certos sacramentos aos colonos que não se entendiam, por causa do idioma, com o vigário, que todos os pobres conhecem e parecem elogiar.

São 10 horas. A música já estrondou perto da minha janela; tudo procura descansar.

Vou descansar um pouco mais hoje – às 5 recomeçarei esta lida que me tem fortificado muito.

Faz frio deveras e ainda não veio o termômetro, apesar do Halfeld prometê-lo esta manhã.

## **26 de junho de 1861**

Acordei às 6. Li o último relatório do presidente de Minas e examinei a planta para arruamento da cidade, vendo no largo municipal uma fonte, que julgo existir só no papel.

Chegou o termômetro, a que se liga o higrômetro de Daniell e as 6h e 35 na janela indicava aquele 56° Fah; às 7 menos 7, 49° e às 7 e 4, 52°. Às 8 almocei, falei com o vigário, que se chama Tiago Mendes Ribeiro e estudou no colégio de Congonhas as humanidades e depois teologia moral, residindo nesta freguesia há 10 anos, primeiramente como coadjutor do finado vigário. Disseram-me hoje que ele jogava.

Pouco depois fui ver as parasitas, de que colhi algumas flores e verifiquei que não se enganam a respeito da qualidade dos granitos.

Não pude sair às 9 (a esta hora o termômetro apontava 59°) mas antes de 10 fui correr as oficinas de ferraria, onde há 5 forjas, de carros cujos cubos das rodas da invenção Croskill dão a estas muito mais duração sendo o carro apesar de grande e forte, tão leve que o puxei facilmente com uma mão; de serra movendo por meio de uma turbina 4 serras, 3 circulares e uma vertical de 3 folhas; de marcenaria, onde se fazia obra muito bem acabada para a casa do alto do outeiro e da correaria. Vi ferro fabricado em Minas cuja cor da fratura não indica muita resistência.

No armazém de objetos de couro havia selins finos de montaria até de senhora.

Visitei em seguida a olaria de tijolo e telha. Está regularmente montada. Uma máquina, que emprega 4 homens, faz 3.000 tijolos por dia, quando um homem pode fabricar 2 mil à mão; porém creio que os da máquina que saem furados, para secarem mais facilmente a economia de barro devem ser mais perfeitos. Há uma prensa para os feitos à mão que comprimem 2.000 por dia. As telhas são chatas, ou arqueadas levemente com rebordo lateral. Há 4 fornos um de 80 mil tijolos, outro de 60 mil e os outros dois de 20 mil cada um.

Depois fui à escola dos colonos, em que há promiscuidade de sexos, separando-se em duas repartições de principiantes e de já um pouco adiantado. Aprendem a ler, escrever a aritmética com o professor Glaeser e as meninas trabalhos de agulha com a mulher do professor, o qual parece-me inteligente. Os meninos lêem bem o alemão, porém o português, sem o entenderem e com sotaque alemão. Letra em geral má e pouco adiantamento em aritmética. A escola foi aberta em janeiro. O professor explica em alemão. No fim os alunos cantaram em coro. Frequentam a classe mais adiantada 40 meninos e 18 meninas e a outra 44 daqueles e 24 destas. Nas escolas da cidade os meninos são 20 e tantas e as meninas 30 e tantas, não estando em dia a escrituração da matrícula.

Às 2 menos 17 estava de volta e o termômetro à sombra, dentro de casa, indicava 65°.

Li depois os jornais até chegar o Barão de Prados, que me mostrou o inseto que ataca as folhas do cafezeiro, em seus principais estados. Levo as specimina, que evitam uma descrição. O inseto só ataca a parte sã das folhas e portanto as que caírem raras vezes, se não em caso algum, terão o germe reprodutor, sendo portanto improficuo o remédio indicado pela comissão, esperando o Barão que a praga desapareça de todo se a temperatura baixa até 6° Reaumur.

Depois do jantar falei com o Halfeld, que me trouxe as notas, que junto, e o traço da estrada de Barbacena até à barra do rio das Velhas. Prometeu-me uma cópia da planta da cidade de Paraibuna e deste Município.

Das 4 até às 6 conversei com o Lages a respeito da administração da Companhia e depois com o Presidente da Província sobre negócios, que esta interessam, dizendo-me ele que a Província não tem dívida e há 150 contos em cofre.

Vieram visitas e os meninos do colégio Roussin que cantarolaram um hino e beijaram-me a mão.

O presidente da Câmara José Capistrano Barbosa prometeu-me uma memória a respeito deste Município.

Há pouco estive com o Paula Cândido observando o higrômetro de Daniell e obtivemos este resultado, em que ambos não confiamos: 8h ½ – Pressão = 0,542 polegadas de mercúrio; peso em pé cúbico de ar 5.950 graus expansão 1,127; 8 e 40 – Pressão 0,560 p.<sup>a</sup> de mercúrio peso etc 6.126; expansão 1.129.

Esta manhã um colono queixou-se de seu estado deplorável apesar de ter uma Colônia e disse-me que trabalhara 8 dias na obra da casa do alto do outeiro.

Antes de chegar a casa também estive na botica, cuja balança acha-se toda cheia de azinhavre e com o fiel torto, não tendo o boticário, que serve igualmente de enfermeiro e de médico e cirurgião, nenhuma carta e seguiu para o cemitério, num alto, que há de ficar bonito depois de crescidas as árvores que aí plantaram, serve para católicos e protestantes, separadas suas sepulturas pelo seguimento da rua da entrada.

10 ¼ – Saio amanhã às 5 e levarei mais tempo para ver bem as diversas obras da estrada.

Dói-me a nuca e preciso descansar.

Tenho passado excelentemente de saúde; mas eu não poderia continuar nesta roda-viva por muito tempo.

Vai comigo um pedaço de ferro de Minas da fábrica de Monlevade.

O Halfeld disse-me que o frio já tem chegado a 28° Fah e o calor excede de 84.

### **27 de junho de 1861**

Acordei às 4 ½ e parti às 5. Nada de notável houve durante a viagem a não ser o que vou referir.

Almocei na fazenda da Cachoeira, do filho do barão de Piabanha <sup>008</sup>, em terras da fazenda deste, chamada Serraria. É de café, mas por ora ocupa-se principalmente com o fabrico de cal, de cuja pedra, muito abundante, levo amostras por calcinar e calcinada. O forno é de 1.800 alqueires, faz uma fornada por mês, durando o fogo 4 ½ dias. Há bastante lenha para queimar. O Barão disse-me que, voltando ao Rio, achou seus cafezais mais atacados de praga.

Do Paraíba até Posse senti muito calor.

Li durante a viagem dois jornais do Comércio e 3 capítulos do Arcebispo. Não apareceram muitos pobres nos lugares de parada.

Cheguei a Petrópolis às 8.

Não vi o cometa que deve observar-se depois do pôr-do-sol.

Esquecia-me de dizer que o cobertor que me serviu na estação do Juiz de Fora é de lã tosquiada em Minas e aí preparada.

#### Observações meteorológicas em Petrópolis

	Term. Far.	Bar.	Higr.
	7' - 55°	7' - 697,90	7' - 63
3	1 <sup>t</sup> - 58°	1 <sup>t</sup> - 695,56	1 <sup>t</sup> - 66
	5 <sup>t</sup> - 60°	5 <sup>t</sup> - 697,85	5 <sup>t</sup> - 64
	- 56,5	- 695,80	- 63,5
4	- 60,0	- 595,56	- 66,0
	- 62,5	- 697,85	- 64,0
	- 56,0	- 697,80	- 67,0
5	- 60,5	- 697,90	- 68,0
	- 62,5	- 698,50	- 73,0
	- 58,0	- 699,50	- 66,0
6	- 60,5	- 698,65	- 65,0
	- 62,0	- id.	- id.
	- 58,5	- 699,50	- 66,5
7	- 64,0	- 698,10	- 63,0
	- 62,0	- 697,45	- 67,0

Esqueci-me dizer que na estação de Paraibuna há uma balança para pesar os carros e que achava-se aí uma diligência sem gente mas com as bagagens pesava 2950 libras.